

ENSAIO SOBRE WALY SALOMÃO E O SEU LIVRO ARMARINHO DE MIUDEZAS

June Lessa

(Graduanda em Letras - UNIRIO)

Para Waly Salomão

Era um verão daqueles, Rio 40°+ e a cidade fervilhava. Férias escolares, o Pier de Ipanema fazia tanto sucesso quanto as dunas que gerou, a correntinha na cintura, o Rajneesh, o óleo de coco com iodo e Coca-Cola, e o projeto era: Ficar “morena” para o Carnaval. Chegava-se à praia às 8 da manhã e se saía só depois do pôr do sol, tostada. O encerramento do dia era lá nas dunas, onde apareciam a Gal, o Caetano, Gil, músicos, atores globais, atores de teatro, poetas e outros artistas, chegavam só no final do dia porque era a hora que acordavam, diziam. E foi em um fim de tarde desses, que vi pela primeira vez aquela figura grande, morena, descabelada, acho que também usava a correntinha dos Rajneeshes, falando e gesticulando com uma potência que eu desconhecia. Fiquei impactada. E ainda tinha aquele charmoso sotaque baiano. Depois, soube que se chamava Waly Salomão.

E foi dessa forma que tive os primeiros contatos com a sua obra. Segui acompanhando as suas performances e realizações, onde além de sua poesia potente, mostrou ser um astuto pensador e intérprete daquilo tudo que vivíamos, daquele tudo ao mesmo tempo agora.

Em seu livro, *Armarinho de Miudezas*, Waly, numa tentativa de explicar como tudo aquilo foi possível, faz análise e relato das circunstâncias da existência do movimento do qual foi um dos protagonistas e sobreviventes, a Tropicália. Conta que a efervescência da Tropicália só foi possível porque foi resultante de uma conjunção “de um bocado de delicados intensos grosseiros e finos e grossos e boçais e sofisticados fatores”, que nem sempre a “natureza da história nos proporciona”, mas afirma não ter certeza da história ter natureza. Para ele, a Tropicália teria nascido “num humos generoso” - do atelier do artista Ivan Serpa, do suplemento do JB, do Círculo Mário Pedrosa, do neoconcreto, do

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

não-objeto, da ideia de superação do espectador, do bicho de Lygia Clark, da arquitetura das favelas, do buraco quente, das quebradas da mangueira, do Tuiuti, da Central do Brasil, dos fundos de quintais da Zona Norte, do mangue, do samba, da prontidão, da liamba e outras bossas. E tudo teria sido sintetizado em uma expressão eidética, “numa pílula ambiental” cunhada pelo artista Hélio Oiticica em uma exposição no MAM do Rio de Janeiro, em 1967. Afinal, para Waly “a cidade grande é um livro aberto e o dorso do tigre será decifrado enquanto escritura torta de um Deus esfumaçado”.

O Tropicalismo, essa ideologia/prática de ser Tropicália, seria um “topos de conciliação de contrários, da inconciliação dos mesmos”. Sudeste-Bahia, opostos, contrários e complementares. Praticava-se o “brutalismo”, cores intensas, exageros como o Chacrinha, jogando bacalhau na plateia em êxtase de tanto rir.

Houve, como Sartre, quem acusasse o Tropicalismo de “irracionalista”, de “destruidor da razão”, ao que Waly responde rejeitando “essa exigência careta limitada e acadêmica demais”, e esclarece que “os tropicalistas funcionaram como sismógrafos” captando os abalos sísmicos da “terra em transe”. Que, na realidade, “o que o Tropicalismo devastou foi um pensamento linear”, privilegiando uma sensibilidade e um discurso que “tendia para um mosaico, encruzilhada de sugestas, interconexões”.

Nem tudo foram flores. O autor também traz a lembrança de Torquato Neto, poeta, compositor, artista fulgaz, que suicidou-se um dia após completar 28 anos. Além da sua prisão e tortura no mesmo mês. Lembra que Torquato “desafiava e desafinava o coros dos contentes” na sua coluna Geléia Geral, no jornal Última Hora. O poeta que “procurava viver numa contínua vertigem passional”, porque tal qual Quichote, também tinha que “desembaraçar qualquer Dulcinea del Toboso das embiras e cipós e lianas da floresta de signos”. Tinha um “temor fulminante de se constituir no Idiota da Família”. E partiu de um mundo “onde a ação não é irmã do sonho”. Para o autor, Torquato Neto teria se transformado “no esboço mais completo quase do mito de poeta CULT do Brasil”.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Ainda hoje, bem longe daquela garota, quando o assisto Waly, porque é poeta para se assistir, ou o leio tentando imaginá-lo performando, sofro novamente aquele impacto. Waly é mais que um poeta. É pessoa do impacto eterno!